

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Nos tempos em que a mulher é quem faz: afetividades e comportamentos ‘modernos’ na cidade (Belém, século XX)

Vanessa Spinosa*

Resumo: O trabalho visa discutir a modernidade na cidade de Belém na década de 1930 a partir dos debates nos periódicos do período. O recorte temático escolhido será o campo das afetividades e escolhas amorosas esboçadas em jornais e revistas de época. A partir do trânsito pela cidade, das relações sócio-afetivas deflagradas no espaço urbano se percebeu questões sobre trabalho, casamento e comportamentos femininos que repercutiam em debates sobre o que era ‘antigo’ e ‘moderno’ nas estruturas cotidianas. Nesse sentido se tratará de relacionar as funções sociais desempenhadas pela mulher, nessa vida ‘modernizada’ dos anos 30, partindo do olhar dos articulistas de época para entender as representações das atribuições femininas no meio sócio-urbano.

Palavras-Chave: cidade, cotidiano, gênero.

Abstract: This work aims to discuss modernity in the Brazilian city of Belém in the 1930s through analyzing debates in contemporary periodicals. Our key theme regards the field of affections and amorous choices, as drawn by accounts in magazines and newspapers of that decade. We highlight issues raised from debates about what was “old” and “modern” in the quotidian structures of Belém’s urban area, usually involving work, marriage and feminine behavior. In this regard we deal particularly with social functions performed by women in this “modernized” life of the thirties, taking into account the outlook of contemporary columnists in order to understand more deeply representations of female responsibility in an urban environment.

Keywords: city, quotidian life, gender.

Dorotéia estava preocupada com a possibilidade de “aparecer outra” em sua frente e não perdeu tempo. Afinal, “meu bem, agora é da gente pegar com unhas e dentes”, pois

nesses tempos em que a mulher é quem faz as conquistas e perseguem os homens nas ruas, nos cinemas, nas festas, pelos telefones e com bilhetinhos amorosos, Dorotéia não havia de ficar parada.¹

Com o título “Efeitos do Modernismo”, o jornal O Estado do Pará noticiava, num tom de ‘comentário da vida alheia’, as preocupações de um tipo de comportamento considerado novo, pois, ‘nesses tempos’ de *modernismos*, a mulher passava a ter uma postura no relacionamento com o pretendente mais explícita que antes.

* Professora Mestra da Universidade federal do Rio Grande do Norte (CERES-DHG).

¹ O Estado do Pará. Ano 29. 01/08/1940. Reportagem Policial. *Efeitos do Modernismo*. p.06.

Nesse sentido, vale ressaltar a necessidade, segundo a exposição do escritor, da moça Dorotéia em se colocar socialmente como uma mulher casada. Para tanto, era preciso elaborar uma série de articulações e estratégias para conseguir com que Ramiro, seu namorado, se apressasse em casar. E ‘ela não havia de ficar parada’ enquanto tal enlace não acontecesse. Segundo o autor, tanto o rapaz quanto a família dele estavam sufocados com as tentativas da moça. Note o comentário da mãe na história:

- Credo, eu nunca vi tanto. Essas pequenas de agora só falta andar de laço em punho pra pegar os rapazes. Eu nunca vi tanto dismantelo, tanta doidice, chega paresque² já anda tudo danada pra se casar seje com quem for.

Esse comentário da mãe do rapaz denota uma série de afrontamentos com a sociedade em fins dos anos 30 e, ao mesmo tempo, uma necessidade em colocar no passado uma postura mais aceitável para o comportamento de uma moça que desejava se casar. Nesse sentido, a exclamativa dessa fala sugeria a mudança nas formas de namoros e noivados e, ainda, a permanência da idéia de que as mulheres solteiras deveriam se unir em casamento.

A questão da pressão social, tanto na fala da mãe quanto no relato da protagonista da história, revelava uma faceta do imaginário social sobre as núpcias: uma mulher não deveria ser solteira, precisava ser casada. Por causa desta regra, dava-se a corrida das ‘Dorotéias’ atrás de seus pares, pois o problema central era não ficar solteira.

Ao mesmo tempo em que essa visão ideal e pedagógica (as moças devem se casar) que o autor da coluna expunha era colocada, a crítica (e talvez mais ainda o afrontamento) que ele demonstrou, por meio tanto da história narrada quanto da personagem-mãe do jovem Ramiro, foi clara.

Se a maneira ‘afoita’ das moças estava sendo criticada e denominada de ‘efeitos do modernismo’, as formas de conquista estavam na intimidade dos pares de noivos ou namorados de uma maneira nada ‘moderna’, já que Dorotéia

se aboletava lá [na casa] farejando-lhe até o quarto onde ele dormia, metendo-se na cozinha para lhe preparar quitutes ou lhe costurando as meias.

Ou seja, a forma encontrada pela moça de mostrar que seria uma boa esposa (BORELLI, 1997) era evidenciar suas qualidades e potencialidades como boa dona-de-casa, atenta às necessidades do futuro esposo e pronta para atender aos seus pedidos, desde uma reforma na meia, até a preparação de um bom prato (SOHIET, 1989).

² Numa linguagem coloquial do estado, “paresque” seria “parece”.

Neste período, as atividades do lar, bem como a satisfação do marido, estava dentro das aspirações para a futura esposa. A família era intimista, formada por pai, mãe e filhos; a mulher era tida como a rainha do lar e o marido como chefe da família, formando, portanto, um misto de valores e práticas do 'novo' e dos 'antigos' moldes do patriarcalismo, iluminando a família conjugal.

Nesse viés, havia um reforço nas atividades domésticas como função da mulher, e subliminarmente as do homem como provedor no sustento da casa (MATOS, 2001). As estratégias da conquista eram ressaltadas, ao mesmo tempo em que as tarefas femininas ou masculinas.

A questão da família estava mais voltada para esse modelo nuclear. O autor da história ressaltava as características que a mulher deveria ter, dedicadas ao futuro marido. O reforço social, as leis e a política do país legitimavam a formatação da família nuclear. Aliás, “através da lei das políticas sociais e fiscais, e da propaganda, o Estado desempenhou um papel fundamental na legitimação e no fortalecimento da família nuclear”.(BESSE, 1989). Quer dizer,

No plano dos valores, a família defrontava com a contradição entre o antigo e o moderno nos hábitos domésticos, assimilando novas atitudes, transformando outras e mantendo práticas antigas de convivência, garantindo a continuidade de tradições.(ARAÚJO, 1993: 293).

Os cônjuges passavam a ser mais enfocados na relação marital e, em contrapartida, a família extensa, com agregados e parentes, não era tão valorizada. Dorotéia não mostrou interesse em conviver com a futura sogra, as aptidões que ela buscava mostrar era o sinal para indicar a auto-suficiência em administrar um lar. Nesse mesmo período,

leis federais e políticas com respeito à educação das mulheres, ao casamento, à organização familiar, à segurança social, à saúde, ao controle da natalidade e ao trabalho ajudaram a conter a contestação à hierarquia entre os sexos. (BESSE, 1989:195).

Por outro lado, os advogados e higienistas sociais valorizavam a individuação dos corpos. Nesse sentido, cada um deveria ser responsável por seus próprios atos; os “homens modernos” deveriam aceitar que o indivíduo dependia de suas próprias realizações e de seu comportamento, ao invés da condição social e/ou conduta de sua família. Também se vinculava à racionalização do amor para que ele fosse um sentimento aliado à estabilidade familiar e não um sinônimo de lascívia (PRIORE, 1989), carnalidade ou descontrole.

No que se refere aos espaços freqüentados por esses personagens, as “pequenas de agora” *assediavam* os homens no espaço público, indo aos cinemas, andando mais livremente nas ruas ou nas festas, pelo telefone ou, como antigamente, através de ‘bilhetinhos’ mandavam seus recados e marcavam pontos de encontro.

No século XX, as associações conjugais e amorosas estavam mais fluídas, pois o casamento passava a ser mais associado ao amor, uma vez que se dava mais espaço à individualidade e à liberdade. O sentimento saiu do campo da extra-conjugalidade e entrou na legitimidade matrimonial (TRIGO, 1987); portanto, quem não amava estava fadado a um insucesso na vida conjugal.

Estratégias íntimas e comportamentos ‘modernos’

Dorotéia, a sobredita moça que desejava se casar, conseguiu ‘enlaçar’ Ramiro, tendo como estratégia de acelerar tal objetivo comprometé-lo no momento da viagem de todos para um sítio longínquo. Nesta ocasião, Dorotéia foi bater à porta do namorado que, mesmo relutando e dizendo “eu não, depois vão falar”, deixou-a entrar. Após fugir por todos os cômodos da casa, Ramiro se enfronhou em uma rede “que nem imbuia”. Após gritar “ô me acudam!”, a vizinhança arrombou a porta e viu os dois abraçados. Dessa maneira, Dorotéia “conseguiu o que queria: testemunhas para acusar Ramiro”.

Essa tática de buscar alguma forma de ‘incriminar’ o outro não era algo novo. Desde o fim do século XIX, as moças se utilizavam desses métodos.

Enviar bilhetes por irmãos mais novos, enviar recados por amigas, mandar escrever cartas por conhecidas apenas assinando-as ao final, pois não sabiam escrever, ir a ladainhas, participar de sessões de pajelança, buscar constantemente água no poço, fugir aos compromissos familiares para ficarem sós em casa, essas foram algumas das estratégias usadas para encontrarem-se com seus namorados.(CANCELA, 1997: 69).

Dorotéia deixava suas estratégias claras para que, enfim, pudesse comprometer o rapaz e se casar. Segundo a matéria, a moça estrategista obteve sucesso em seu plano. Na história, podia-se inferir sobre o perfil dos sujeitos que apareciam na coluna: populares. A assertiva do autor tinha um viés pedagógico na narrativa, mas a coluna era atrativa aos leitores, pois também poderia ter sido algo presenciado por alguém que lhe contou para o inspirar em sua história. Ou seja, menos que tentar comprovar o grau de veracidade do fato,

cabe compreender a mensagem que alertava sobre as “Dorotéias” que circulavam pela cidade e como os comportamentos estavam sendo pensados e vividos na Belém de 1930.

A função pedagógica permeava a todos, de modo a atingir não somente a elite (talvez até mesmo as mais desligadas). Esse papel educativo e disciplinarizador mostrava a tentativa de se pulverizar o conhecimento e as normas dos bons costumes a várias camadas sociais. Além disso, revelava que a cidade crescia com uma multiplicidade de pessoas de várias esferas sociais, que fugia do controle, nos modos e comportamentos.

Mas os comportamentos não estavam atrelados somente aos que se chamava de rústicos, ou sem instrução, já que a tentativa de disciplina e o assunto da mudança se aliavam também às elites. A sociedade belenense como um todo estava sendo partícipe dessas adaptações e resistências aos valores que estavam em voga, influências tanto européias quanto norte-americanas.

Nas páginas dos jornais, com o título “Os homens são os culpados”, o articulista Silveira Bueno indicava as diversas conseqüências sobre a falta de casamentos. O autor expunha abertamente sua posição sobre a baixa nos números de casamentos, que chamou de *celibato moderno*. Mais uma das conseqüências desses tempos de modernidade era a preferência a casamentos tardios, como também o sufrágio feminino, mulheres masculinizadas, bem como a presença feminina no mercado de trabalho.

Por associar o casamento à sexualidade, as desvantagens do matrimônio eram compensadas se a solteirice fosse entendida como um ato celibatário, o que o articulista denominou de “celibato moderno”. Os que preferiam não casar justificavam-se pela falta da liberdade, pelos custos, ou ainda pelo perigo do cônjuge ser diferente do que se esperava de um parceiro. De qualquer maneira, a associação ao matrimônio como martírio, suplício, enterro, morte ou renúncias prazerosas eram explicitadas.

O autor da coluna se exasperava com os homens belenenses que não tomavam atitude em relação às investidas femininas. Nesse sentido, a iniciativa dele se referia à idéia de não se casar, pois sempre havia a probabilidade de uma relação a dois dar certo. Se o matrimônio não aconteceu com as mulheres que chegavam até a ter características másculas, era porque os homens não tentaram fazê-las feliz em um lar, uma vez que,

todas as moças deixariam prazenteiras os ofícios que exercem, pelo meneio da primeira casa que lhes fosse oferecida com dignidade. Afinal, ‘as feministas não resistem a um pedido de casamento...’³

³ O Estado do Pará. Ano 18. 22/12/1938. *Os homens são os culpados*. p.01.

A crítica de Silveira Buena se tratava de um pedido à mudança dos comportamentos sociais, alegando que

muitos homens pensam que o casamento seja um mal a que deva preferir a pior das solterices. O mal do casamento está no próprio homem que não sabe conduzir financeiramente a casa e moralmente a família.

O articulista estava reiterando os valores morais e éticos, bem como os deveres do homem como marido. As mudanças que ocorriam o faziam cobrar o que acreditava ser correto. O homem deveria ser o provedor nas finanças e participar nas decisões da casa, desempenhando o papel de chefe moral do lar. Em contrapartida, a esposa deveria ser compreensiva, bem como subserviente às suas decisões.

Em 1938, as noções de conjugalidade do século XIX ainda estavam circulando na cidade de Belém. Sendo assim, no início do século XX, as noções de família estavam atreladas ao casamento e eram tidas como princípio regulador da sociedade e laço indispensável à procriação (Cf. MALUF, MOTT, 1999). As habilidades da mulher como dona-de-casa estavam permeando os valores dentro de padrões “elegíveis” para um relacionamento marital.

O papel ideal da mulher (...) é o de mãe, ser dócil e submisso cujo principal índice de moralidade é sua fidelidade e dedicação ao marido. O homem se define pela sua dedicação ao trabalho, pois sua obrigação fundamental é prover a subsistência da família. Surge assim, uma imagem assimétrica da relação homem/mulher. (SOHIET, 1989: 202).

A relação das mulheres com a cidade ganhava outras dimensões numa interação mais dinâmica e permitia múltiplas possibilidades de trânsito pela urbe, como também a fluidez com mais vigor nos relacionamentos inter-pessoais. As atividades sociais não se restringiam aos bailes, uma das formas de conhecer um pretendente, delongando-se às festas, às idas ao centro, ao bairro do comércio, na Rua João Alfredo, bem como aos cines, clubes e teatros.

Dentro dessa ampliação dos espaços que eram freqüentados especialmente pelas camadas médias e altas, havia outras preocupações. Na *Secção Feminina* do jornal O Estado do Pará, relatava-se que “na sociedade agitada de hoje”, era necessário contratar uma boa governanta que cuidasse dos filhos, afinal,

*nem todas as mães, ou melhor, a grande maioria delas não dispõem de tempo suficiente para dedicarem a esta tarefa. Absorvidas por outras obrigações, tanto domésticas como sociais, torna-se necessário repartir com alguém o desempenho de suas funções. É claro que muitas delas são intransferíveis. Mas, algumas existem que pode ser ou que parecem poderem ser delegadas a terceiros.*⁴

A intensificação das atividades femininas dentro e fora do lar, nos anos 30, fazia com que a mulher passasse a delegar algumas atividades a terceiros. No mesmo texto, demonstrava-se a relevância de tais funções e as novas necessidades da *sociedade agitada*. As mudanças nas atividades cotidianas e os compromissos sociais que se alargavam fizeram surgir a preocupação sobre o tipo de profissional que assessoraria essa nova dona-de-casa.

Essa mulher, desde a virada do século XX, encontrava-se envolvida nas próprias condições da vida urbana, com bondes e auto-ônibus que reduziam as distâncias e, ao mesmo tempo, ofereciam segurança para que as mulheres pudessem circular em seus compromissos, como ir às compras – afinal, era essencial diferenciar-se socialmente através do vestuário –, ao teatro, ao chá, ou ao cinema, pois “esse tipo de lazer era visto como ‘obrigação de sociedade’, uma vez que cumpridos os deveres domésticos”. (ARAÚJO, 1993: 87).

Concomitantemente à ratificação das atribuições de mulher, mãe e esposa, também se admitia que a codificação desse tempo diário havia mudado. *Nos tempos em que a mulher é quem faz*, cabia a ela se ajustar às mudanças e deveres antigos dentro da família e do lar. Já que,

nos anos 20 e 30, a figura da “mãe cívica” passa a ser exaltada como exemplo daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação. (RAGO, 2001: 592).

Nas primeiras décadas do século XX, as funções sócio-familiares estavam delimitadas e codificadas tanto na fala, quanto no comportamento dos sujeitos históricos. A vida modernizada trazia novas necessidades, mas mantinha a memória dos antigos costumes, tornando evidente que a “sociedade se modernizava em todos os sentidos” (RAGO, 2001: 587). Sob tal viés, a família era a garantia de que, entre rupturas e permanências, seria mantida a seguridade dos valores, da moral e da educação social dos sujeitos que a compunham.

⁴ O Estado do Pará. Ano 28. 14/12/1938. Secção Feminina. *Alguns reflexos para as mães*: as governantas. p.06.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A Vocação do Prazer*. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.

ARIÈS, Philippe. "O amor no casamento". In: ARIÈS, Philippe; BÈJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. 3º ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

BORELLI, Andrea. *Matei por Amor!* Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC/SP, 1997.

CANCELA, Cristina Donza. *Adoráveis e dissimuladas: um estudo das relações amorosas das mulheres das camadas populares em Belém no final do século XIX e início do XX*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1997.

D'INCAO, Maria Ângela. (org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 1989.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do mundo feminino". In: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida Privada*. Vol. 03. São Paulo: Cia das Letras, .

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu Lar é o Botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Ed. Nacional, 2001.

PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da Noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. *A Mulher no Espaço Público*. Vol. 09. nº 18. São Paulo: Marco Zero editora, 1989.